

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 18 de Maio de 1856

N. 43

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

SEM NOME.

XIII

Piété pour moi !....

- O que é o nome ?
— E' uma voz com que se dão a conhecer as cousas.
— Exemplo ?
— Homem pateta.
— Diga o exemplo como se acha escripto.
— E' o que eu fiz.
— Vejamos a grammatica ?
— Eil-a, Sr. Mestre.
— Vm. é uma discipula muito insolente; ou-son afiançar-me que está escripto *pateta* e eu acho *bom*; o que importa tanto conio dizer-se que os habitantes do Indostão fallam hebraico.
— Porém, Sr. mestre, fiz uma cousa muito innocente, juntei o nome á pessoa, certo de que poderia tirar-me deste embaraço; estou ha duas horas em procura d'um nome para dar ás suas *paginas intimas*, e por mais que faça ainda nada encontrei.
E' a minha penna que falla.
— Pois bem, tornei eu, por esta vez desculpo-a: vamos, volte um pouco atraz, e ponha de- baixo das *paginas intimas* estas duas palavras, *sem nome*. A penna obedeceu, e o mestre continuou:
Vou pois prevenindo os leitores de que por esta vez nada poderei dar — apenas um — sem nome mirrado e secco, como alguns discursos que tenho lido. E' de suppôr que esses discursos sejam pronunciados no *Palramento*.

Depois que resolvi acabar com as *carpideiras*, depois que deixei o estilo romantico para m'en- volver no *classico* (que modestia!) estou sempre desconfiado de mim mesmo. Procuro agradar aos leit-ores, quer d'uma quer d'outra fórma, mas de- vido talvez aos *projectos* que tenho entre mãos; a musa teimou em ser-me adversa. Até a minha penna achou que devia augmentar as difficuldades da minha posição! Paciencia, juro pagar-lhe na mesina moeda quando eu fôr o juiz e ella a ré.

Depois para completar tantos dissabores sou obrigado a dar-vos uma noticia bem desagradavel; porém previno-vos d'antemão que nada de com- mum tendes com ella.

Tinha meus presentimentos de que havia de me succeder tal cousa; ah! que se eu tivesse a certeza, ter-me-hia feito frade, impondo a mim mesmo o castigo de dous mezes d'abstinencia.... d'escrever !....

Porém eu ignorava que houvessem *diabinhos* capazes de penetrar no balcão d'uma casa de ne- gocio; é por essa razão que me animei a escre- ver aquelles pensamentos sobre as moças e meias, que lestes no numero 14 da menina *Saudade*. Esses pensamentos eram tão innocentes, como são innocentes os pensamentos da joven que tem escripto.... cem cartas no estilo das de *Saint Preux*, infelizmente achei opinião contraria á mi- nha, e cahi no ridiculo. Eis o caso:

Dous dias depois de publicada a *Saudade*, re- cebi um bilhete, elegante e perfumado, á vista do qual, eu o confesso, senti criar alma nova. Bravos! exclamei eu com desvanecimento, fiz, sem o saber alguma conquista amatoria, e eis os priliminares da paz. Com ocoração trasbordando de prazer, offegante, impaciente, entusiasmado até, abro a venturosa missiva. A letra era fina e elegante, frases escolhidas, estilo classico, mas que decepção! pessima orthographia.

Não admira.

Entendo que devo dar-vos conhecimento desse bilhete, alterando unicamente a orthographia.

« Senhor.

« Mamã me encarrega de participar-lhe que o papai tem as suas meias em bom estado, e por isso, pela parte que lhe toca, não pôde aceitar as observações que Vm. dirigio ás moças que gostam da janella, no n. 14 da *Saudade*. Quanto a mim agradeço-lhe o conselho, não me utiliso delle, porque sei que o despeito, unicamente o despeito, presidio á concepção do seu pouco espirituoso artigo. Como tenho porém certa predilecção pelos poetas (ora menina, gabo-lhe o gosto) dou-lhe de conselho que quando lhe occorra escrever no sentido das ultimas *paginas intimas*, se apresse em metter a cabeça em agua fria, para acalmar a irritação do espirito.

« Sua afeiçoada

« M. C. DE M. »

Eis aqui, leitores, as consequencias inevitaveis que succedem áquelles que, como eu, sentem desejos de reformar a Sociedade.

Prometto não me envolver de novo na politica feminina, a politica mais intrincada do mundo todo. E para me fortalecer nesta idéa trarei a carta de minha leitora bem chegadinha ao coração.

Rio, 18 de Maio de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

O RAPTO.

Cumpro com as ordens do Sr. Lourenço; aquelle que recusar obedecer-me, ponha-se ao fresco.

— Mas, vem cá, rapaz, tu és demasiado exigente; todos nós estamos promptos a ajudar-te, porém precisamos antes de tudo concordar na maneira porque poderemos levar a effeito a nossa empreza.

— A tia Martha tem razão, falla como *uma sabia*; precisamos prevenir qualquer eventualidade, e da fórma que exiges o nosso adjutorio — não tem lugar.

— E's um *maricas*, desprezo-te, e estou arrependido por consentir associar-te á empreza. Por que a tia Martha entende que a casa do doutor Rego tem *papões*, havemos de responder á uma — tem razão a tia Martha: outro officio, mestre *Pepino*.

A precedente conversação tinha lugar em uma miseravel casa situada a meia legua da matta, em que deixei ha pouco o leitor.

Essa casa favorecia as vistas de Lourenço de Castro, porque além de ser isolada, a sua doua tinha no lugar a reputação de feiticeira, e por esta razão a velha Martha relacionava-se com mui poucas pessoas.

Era o creado de Lourenço, que fallava, — accusando de covarde a um dos homens escolhidos por aquelle, para o projectado rapto da interessante Luiza.

Vimos a opposição que elle fez ás insinuações do creado, que insistia sempre.

Havia uma boa hora que altercavam; as palavras de qualquer delles revelavam um desejo intenso de passar a vias de facto, porém a velha Martha com o seu tom d'autoridade punha termo á questão, para proseguir cada vez mais violenta.

A entrada d'um novo personagem congraçou as partes contendoras, e os preliminares da paz foram assignados a mutuo contente.

Não posso deixar em silencio a maneira porque entrou esse novo *iris*.

Com quanto fosse um homem da mais infima condição, o seu character excentrico e os seus costumes davam-lhe direito á admiração da *plebe*.

Alexandre da Silva, por antonomasia o *Cózo*, era um homem de 35 a 38 annos.

Possuía um rosto sympathico, *ademens* de cavalheiro.... e.... fallava muito bem.

Atrevido com o bello sexo, pretencioso até ao ridiculo, elle ufanava-se de ter conquistado as principaes raparigas do lugar, e fosse devido a esta circumstancia, ou á fama de que era valente, todos o temiam.

Havia outra cousa neste novo *D. João*, fazia versos — e as pessoas mais sensatas daquellas visinhanças chamavam-n'o *poeta da lama*.

Ignoro se referiam-se ás pessoas por de mais *burguezas* a quem elle dedicava a sua *musa*.

A sua canção predilecta era esta, ouvi-a cantar por muitas vezes, e ha pouco tempo, soube que ella dera lugar á scena mais burlesca que hei visto na minha vida.

Como prometti consagrar algumas linhas a este original, escrevo a canção.

Mariquinhas é um portento,
Tem encantos que não mais ;
Quando sahe em dias *duplex*

As raparigas
Suas amigas

Invejosas dizem della
O que eu jámais direi.
Mariquinhas tem encantos
Conhecidos ; é um portento....

Saias ao vento,

Branco lenço na cabeça,
Capotinho de remessa,

Lá vai ella,

Qual donzella,

Para a missa.... ai ! tentação !....

O mais duro coração

Em te vendo tão faceira

Faz asneira,

Vai peccar no mandamento

Que repelle o casamento....

Dão, dão, dão ;

Toca o sino.... á oração !....

Por aqui podem os leitores ajuizar do resto ; na certeza de que escrevo a canção predilecta de Alexandre, tal qual a concebeu.

(Continúa.)

Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO I

No anno de 1820, em uma pequena encosta da celebre ilha de Santa Helena, existia uma casa terrea, aonde habitava Frederico, principal personagem deste romance. Em uma janella do seu aposento estava elle, em uma dessas noites tempestuosas, em que o silencio dos viventes é interrompido pelo estrondo dos trovões, contemplando com o maior socego de espirito, todo esse murmurio tenebroso ; quando uma funesta recordação lhe veio arrancar um doloroso suspiro. — « Ai de mim, dizia elle, eu amava-a como se não póde explicar ; eu tinha nella toda essa esperança, que sustém o ente infeliz no meio deste enganoso mundo. Eu me julgava rodeado de venturas, mas ah ! malfadado Frederico !... a perfida destruiu toda

essa tua fagueira esperança ; toda essa felicidade que tu julgavas ser real !... Foi-se entregar nos braços daquelle que lhe prometeu ostental-a com esplendor no meio da perigosa sociedade ! daquelle, que zomba do meu soffrimento, no fatal desterro, aonde com suas infames intrigas conseguiu lançar-me ! daquelle finalmente que jurou perseguir-me por toda a parte, e roubar-me o objecto dos meus sonhos !... Porém Deos, que foi testemunha do meu estremoso amor, e do seu abominavel proceder, quiz cheio de piedade mitigar as minhas magoas, e mandar-me uma nova esperança. Oh ! mas essa esperança, não é a de me unir a uma mulher amada, não.... mas a de cumprir uma missão na terra, que elle me ordenou lá do céo ! Desejo ser util á humanidade, e ajudado pela sua divina graça, espero sel-o. A perjura já vai recebendo o premio que merecia ; o malvado que a não amava, mas que tinha feito della um instrumento para me atormentar, da-lhe um desdém em cada momento que eu lhe podia dar um olhar-de puro amor, um sorriso de gratidão !...

Mas que importam essas cousas do passado ? não sou eu agora muito feliz ? não sou rico de ouro ; sim porém não é elle no mundo a paz dos homens, mas ao contrario lhes faz a guerra !... Sou muito feliz, porque o remorso não toca nem de leve no meu coração ; e uma celestial esperança, vem suavemente fortificar-me o espirito a todos os momentos.

Se algum pesar inda me resta, é todo pela ingrata... sim, é compaixão que tenho de sua mequinha sorte ; porque foi ella o meu primeiro amor, a primeira flôr que ao despontar da bella aurora, vi de-abrochar, e sorrir graciosa para mim ! De mais, eu encaro todas estas contrariedades do mundo, com toda a tranquillidade de espirito. »

A qui tinha cessado quasi de toda-a tormenta, só os relampagos inda vinham de momento a momento, alumiar o seu aposento, e dourar com muita rapidez o cortinado de seu leito. O rugir do trovão, já caminhava bem longe, e Frederico de joelhos com as mãos erguidas, e a fronte banhada por algumas furtivas lagrimas, cheio de uma consolação divina, agradecia ao céo toda essa felicidade que gosava, e que reconhecia ter sido enviada por elle. Alguns momentos depois, a sua janella estava fechada, e a tormenta tinha de todo passado, não trovejava mais, e Frederico jazia entre o cortinado de seu leito, descansando sua mão direita sobre o peito, e seu rosto estava se-

reno, e angelico; deixava conhecêr com muita facilidade que dormia um somno prolongado, e delicioso.

(Continúa)

M. LEITE MACHADO.

Vou partir.

Alina, vou partir, em breve saber-me-has cortando em frágil lenho a amplidão do oceano. Não podia ser mais azada a occasião de manifestar-te os meus sentimentos; visto que, se houvera antecipado uma tal declaração, me seria ella infructuosa, por ser de temer, que se por ventura minha, Deos permittisse, que por mim te interessasses, teria por certo que abalroar-me ante o insuperável cachopo da ambição de teu pai. Sabes tu, Alina, com que moeda os *Cresos* deste mundo, costumam retribuir aos *Iros* desassissados, que ousam amar suas filhas? — Retribuem-lhe com o sarcasmo, com esse riso de satanaz, mixto de indignação e desdem profundo. — Minha susceptibilidade quiz ferrar-se a essa humilhação, é por isso que te escrevo *só agora*.

Talvez que nos não vejamos mais, daqui a poucos dias, terá o oceano posto entre nós uma barreira immensa, a distancia de 2,000 leguas, mas eu não quiz partir sem fazer-te patente o transumpto do meu amor, assim pois, escuta; deixa que rompa o dique que representa de ha muito a expansão dos meus affectos; é verdade que o vocabulario humano por mais que nos ostente suas galas, e seus thesouros, é sempre descorado e mesquinho, para reflectir fielmente os sentimentos d'alma, mas já que tu não podes lêl-os em meus olhos, nem traduzil-os em meu sorrir, nem sentil-os em meu coração, ainda assim, peço-te que os moldes por esta copia descorada, mas retocando-os em teu coração.

Alina! Divindade de meu coração! ouve o grito expontaneo de minha alma, escuta a traducção dos suspiros gemebundos, que em doridos anceios me estorcem o coração; ao passo que tu sempre bella e requestada, divides as horas de tua existencia, entre o marulho fascinador dos bailes, os atractivos dos theatros e passeios, e as gratas recordações desses agitados instantes.

Se tu comprehendes, Alina, quanto punge os seios d'alma amar em segredo, sem uma estrella que illumine o Céu toldado da vida, e nos guie

ao porto se quer da esperanza, sem uma amurada se quer carcomida, a que ater-nos no naufragio de nossos sonhos, sem um oasis em que se nos refrigere essa sede febril, proveniente desse caminhar incessante, por regiões abrazadas, e desertas, sem uma voz que responder á nossa, sem um coração que nos comprehenda, sem um desejo que nos não seja morto ao nascer, sem um pensamento que não seja um espinho, sem uma esperanza que se não afogue no mar das decepções; oh! se bem comprehenderas, o que ha d'acerbo e pungente neste agonisar perpetuo!!! Olha, muitas vezes no meio desses sarãos em que és rainha, e a que eu vou maquinalmente, e só porque sei lá te encontrar, hei ouvido a muitos desses jovens, a quem o merito fallece, mas a quem brocham as riquezas e insignias, dirigir-te com voz de mel, phrases mentidas de amor, que são incapazes de sentir; de amor, que elles crêem simbolisado no goso material. Então como que uma lava de fogo inflamado me rebenta do peito, meus olhos s'annuiviam, quasi enlouqueço, por ver que sempre tens um sorriso com que pagar o incenso putrido desses dilectos da fortuna: em quanto que eu, tímido pela minha obscuridade, não ousa mendigar o mais insignificante signal da tua ternura, por isso que não vergo ao peso dos cofres de ouro e pergaminhos, que meus avós me legassem, e que tanto seduzem; só tenho para te dar, um coração perenne de amor casto e ardente; mas entretanto *só amor!*!....

O' Alina, como punge amar sem esperanza!

Anjo de meus olhos! encontrei-te em meu caminho de pobreromeiro, em dia bem sinistro para o meu coração. Estavas então, como sempre formosa e arrebatadora, debuxava-se-te no rosto essa expressão angelica exclusivamente tua. Quando em extasis contemplava eu a obra mais excelsa da creação, quando meus olhos se arrobavam de delicias, de te ver, e meu peito arfava açodado por sentir-te tão bella e tão meiga, e véra encarnação de seu ideal, foi então que me lançaste a furto esses teus olhos castanhos-escuros, e que o philtro ardente que delles mana em torrentes, trescallando-me o amago do coração, me transplantou por momento á mansão dos anjos. Foi porém ephemera minha illusão, ó Alina, porque tu cercada de adoradores sem numero, não te dignaste attentar nem no fogo de meus olhos, nem no rubor das minhas faces, nem no arfar de meu coração.

Deprehendi com bem pezar para meu coração!

que havia sido um louco em ter por instantes afagado a esperança de ser amado por ti, tão bella, tão rica e tão festejada, tendo tanto a dar, e tão pouco a receber. Entretanto por mais esforços que empenhasse em esquecer-te, não o consegui: se velava não concebia um pensamento que teu não fôsse: se dormia ainda eras, tu, anjo celeste, quem alimentava meus sonhos. Apenas surgia a aurora procurava a solidão; internava-me em isolado recinto, tendo por unicos, mas sinceros confidentes de meu penar, um ar-roio cristallino que borbulhava por um suave declive; a brisa que baloiçava brandamente os ramais, os ledos gorgeios dos passarinhos, e os arbustos em que entalhava teu nome. Passaram-se mezes neste curtir de saudades, sem que um leve agitar de teus labios, um som unico e breve — *espera* — viesse suavisar o acre doer da incerteza, qual gotta de balsamo da vida em peito agonisante. Custou muito, mas a final resignei-me a um futuro doloroso e sombrio, de viver longe de tua imagem celeste, sem mais ver esvoaçar em teus labios de nacar, o teu sorriso de anjo, sem ti, sem o teu amor emfim....

Alina, daqui a 2 dias não mais me verás, estarei já longe, meus acrisolados affectos não te importunarão mais, dá pois, que faça uma supplica, a unica que jámais te fiz, tu m'ò debes, porque eu te amo como é possível amar a coração sensível. — Quando eu já estiver muito longe, e tu lères estas desalinhasdas phrases, pautadas no sentimento, sahidas d'alma e humedecidas com minhas lagrimas, dize comigo; « aquelle ao menos sabia amar, praza a Deos que eu depare um ente que como elle me adore. Pobre forasteiro! oxalá que nessas remotas regiões onde vives possas esquecer-me e ser feliz. » E' bem pouco o que te peço; depois, eu não ousou aspirar a que esculpas em teu coração, estes tristes échos de meu infeliz amor, não; peço-te sómente que os graves na memoria, e que os não desluzas d'alma, e que quando te lembrares do pobre forasteiro, seja sempre com saudade. A mera presumpção de que deferira o meu pedido quasi me torna feliz, e demais, como seria possível não te lembrares com saudade de quem te amou, com o ardor com que Camões amou Catharina, Tasso a Leonor, Dante a Beatziz, e Petrarcha a sua terna Laura, com o estremecimento com que Rachel amava José, com a piedade com que Ruth amava Noémi, e com o fervor com que os justos amam o Eterno? — Vê pois se eu te amo, se para

exprimir-te meu amor, me foi mister servir-me de paradigmas tão nobres.

Mas, para que fatigar-te mais, quem me responde que te não serão ingratas e incommo-das estas palavras? — Ainda uma vez, Alina, adeus, tu és sensível e bôa, não me desdenharás de certo, antes de partir ver-te-hei ainda, lerei em teus olhos, se te pungem ou não saudades minhas.... Adeus!....

Viscu, 10 de Fevereiro de 1848.

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Cartas a Aldina.

III

Aldina. Ha nesta vida recordações severamente peniveis; ha nesta vida concepções que arrastam o homem a beber na fonte do passado os prazeres, que desfructou na meninice! ha nesta vida scenas que arrebatam o coração do homem; e o tornam por assim dizer criança outra vez.

A recordação d'aquillo que desfructamos no seio de nossas familias, no centro de nossas habitações; esses prazeres da infancia, prazeres do céo, que elevam o homem a uma região desconhecida, e o fazem lembrar com saudades, desse tempo feliz.

Essa recordação, Aldina, uma outra vez se apresenta ante o espirito do exilado, e elle solta um ai do intimo do peito, que levado pela brisa vai parar á terra de seu nascimento.

Por espirito de curiosidade, para matar um pouco do tempo, que em tua ausencia se me torna enfadonho, eu me apresentei na terça-feira no Campo d'Acclamação.

A Irmandade de Sant'Anna festejava o Espirito Santo.

As barracas ornadas com centenaes de luzes; os grupos de povo que se juntavam nas suas entradas, que passeavam dispersos; a musica que fazia ouvir acordes festivos; o fogo que principiava a arder e a elevar ao ar as suas faiscas, algumas das quaes a mão da arte lhe fez imprimir cores diversas: tudo, tudo, Aldina, concorreu para eu concentrar meus pensamentos, os quaes sem querer me transportaram á terra, onde nasci, — á minha querida aldeia.

Lá tambem se festeja o Espirito Santo! Lá a arte, o luxo, e a grandeza não tinham um imperio tão vasto; a natureza e a simplicidade, porém,

juntavam-se, e formavam assim um composto mais agradável, mais sympathico, menos ostensivo, porém mais grandioso.

As barracas eram mais numerosas, umas continham alimentos, outras sortes, outras mostravam aosromeiros as variadas côres de diferentes tecidos e outras então em tablados abertos para todos verem, representavam comedias, dansas e outros divertimeutos decentes, entretinham assim algumas horas ao povo que frequentava esta romaria. O povo não vestia esses tecidos de subido preço com que se costumam enfeitar os concorrentes do Campo da Acclamação; mas a variedade, os diferentes trajes de cada um, tornavam mais agradável, mais apreciavel este quadro. Os aldeões em ranchos cantavam e dansavam, e em seus rostos resplandecia a alegria verdadeira. Ao som da viola e da guitarra improvisavam cantigas, e nessas cantigas que as mais das vezes causavam profunda hillaridade nos circuns tantes se revelava o quanto a natureza é prodiga em facultar aos cultivadores da mãe fecunda o meio de mostrarem-se sempre alegres.

Na segunda feira á noite ardia um fogo numeroso e diverso, collocado em um vasto areal. Ali juntava-se todo o povo. O panorama que então se apresentava aos olhos dos curiosos era sublime, principalmente se a lua com seus raios o clariava.

Ah! Aldina, estas recordações são penosas, só as sente quem como eu está auzente da patria, ha mais de doze janeiros.

Quando me retirei o povo desfilava cada um para seu lado procurando suas habitações; as luzes principiavam a apagar-se. No livro do passado era lançado mais um anno de festa ao Divino Espirito-Santo.

Aldina, até domingo.

Maio 17.

ECHO ELISBO.

POESIAS.

Fatalidade.

I

Vai a noute mui sombria
E o mocho ao longe pia
Como um agouro fatal;
Por entre prados o vento

Corre, corre, violento,
Corre, corre, por meu mal.

Nuvens negras vão pairando
E alem, de quando em quando,
Horriavel sôa o trovão;
Eu, a sós, caminho errante,
E paro no mesmo instante
Cedendo á superstição!

Oh! esta noute a verei
E por ella saberei
O que me resta esperar;
Quero ver se sou querido
E se a outro preferido,
Quero, em fim, isto acabar.

De seus labios hei-de ouvir
Se posso no meu porvir
Doce ventura aguardar;
Quero ler a minha sina
Na belleza peregrina
De seus olhos de matar.

Porém se esta incerteza
Se mudar em triste sorte;
E que tenha por desdita
Aguardar bem firme a morte...
Ai! por Deus!... não quorerei
Esperar... matar-me-hei!...

II

Erguendo a fronto
Com ufania
O pobre moço
Assim dizia...
Elle inda crê
Com pura fé,
Que juramentos
Estão iscriptos
De se quebrar;
E que p'ra amar
E' mui bastante,
De terna amante,
A confissão;
Quandos elles são
Infelizmente
Capricho vão
De tanta gente.

Mas o *anjo* lhe diz—sim...
 E o joven diz—é a mim
 Que só ella sabe amar...
 E por noute tão medonha
 Vae libar essa peçonha
 Que tão moço o vae matar !

III

Mas do rio as aguas tão mansas
 N'essa noute medonha fallaram ;
 E o corpo do joven tão crente
 Para a margem despida mandaram ;

IV

E não houve um só vivente
 Que na campa fosse orar ;
 Pelo joven que na vida
 A mulher soubera amar !

Nem ella, que a sua morte
 Por capricho preparou,
 Pelo amante terna lagrima
 Sobre a campa derramou !

E inda ha quem amor
 Professe pela mulher ? ! !...
 Ai de nos ! é nossa sina
 Nosso fado—Deos o quer ! !..

Rio, Maio 8 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Lucinda !

E's, Lucinda, mais formosa
 Do que a anémone viçosa
 Em fresca manhã d'Abril ;
 Nem ha mais bellas flores,
 Cores lindas, como as cores
 De teu semblante gentil !

Não tenhas inveja á rosa,
 Que se ostenta mui vaidosa
 Por mais linda no jardim,
 Se ella reina entre as mais flores
 Tu és, Lucinda, d'amores
 Uma rainha p'ra mim.

Não tenhas inveja á lua,
 Que meigamente fluctua,
 Nos espaços a luzir ;

E's do que ella mais formosa,
 Quando os teus labios de rosa
 Desprendem mago sorrir.

Um sorrir... oh ! quanto eu dera
 Se um sorrir eu recebera
 Divinal, embriagador ;
 Se essa doce recompensa
 Tu desses á chamma intensa
 De meu tão ardente amor !

Mas nem um olhar ao menos
 De teus olhos tão serenos
 Algum dia recebi ;
 Não.. nem isso ainda tive,
 E meu amor sempre vive
 Desde o dia em que te vi.

Eu yi-te, nem eu te vira,
 Que meu peito não sentira
 Esta violenta paixão ;
 Amei-te, nem eu te amára
 Que inda ventura gosára
 O meu triste coração.

Rio de Janeiro, 2 de Novembro 1855.

E. A. DE BARROS RIBEIRO.

O Mendigo.

A' porta d'um templo
 Um velho chorava,
 Esmolla pedia
 Ao povo que entrava.

Matai minha fome,
 Oh vós que passais !
 Irmão soccorrei-me,
 Qu' a vida me dais ! !..

Palavras ao vento
 O pobre soltava...
 De dar-lhe uma esmolla
 Ninguem, se lembrava !

Coitado ! coitado !...
 Algum la dizia ;
 Mas outro passando
 Do triste se ria !..

O grandes senhores
Entravam, sahiam,
E tão distrahidos
Qu' o pobre não viam.

O corpo tremia
Do pobre faminto ;
Cahio sobre a porta
Do vasto recinto.

Socorro !... socorro !...
Afflicto clamava,
Em todo o circuito
Sua voz troava.

Então muito povo
Chegou para ver,
O que succedeu
Queria saber.

Com voz moribunda,
Filha d'agonia,
No meio da turba
Elle assim dizia.

« Socorro vos peço
« P'ra mim não e não,
« Peço p'ra meus filhos
« Vossa protecção...

« Coitados !... valei-lhe !
« Ah ! por compaixão !...
« Que morrem á mingua
« Sem ter um só pão ! ! !.

« Que queres, ó morte ?
« Ah !... deixa-me, oh ! sai !...
« A mãe já levaste,
« Agora !... seu pai ! !...

O misero velho
Assim expirou,
Delirante a Deus
Su'alma enviou.

Não sabeis quem era ?...
Tambem eu não sei !...
Só posso dizervos
Já servio ao Rei !

—Onde estão seus filhos ?...
—Jamais procuraram !...
E do infeliz velho
Jamais se lembraram !...

Abril 16 de 1856,

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Recordações.

Depois que gentil nimpha me deixaste
Entre as crueis saudades suspirando,
Já não tenho alegria ;
Se uma esperança existe no meu peito
E' gosto que por ella inda conservo
De te ver algum dia.

Por entre mil cuidados vou passando
Esta vida tristonha em tua ausencia
Sem ter contentamento ;
Vivia ao pé de ti alegremente
E sinto agora ausente mil pesares
No triste pensamento.

Se me perguntam a causa de meus males,
Por que me queixo deste meu destino
Nem responder me atrevo ;
Por que este amor é querer e não querer,
E' um contentamento descontente
Que occulto trazer deyo.

Gentil formosa nimpha, se dos sitios
Onde alegre cantava inda te lembras,
Do meu saudoso canto ;
Ao menos me conserva alguns affectos,
Nessas lembranças do passado tempo.
Em que te amava tanto.

M. LEITE MACHADO.